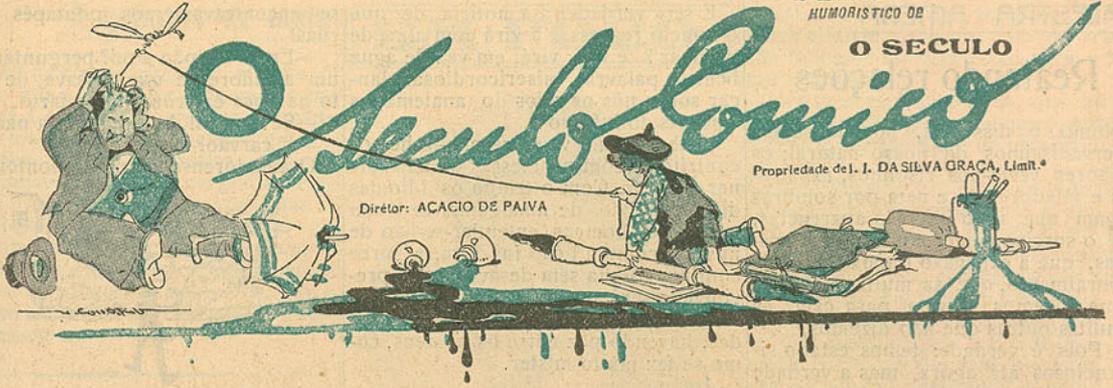


SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de I. DA SILVA GRACA, Limit.ª

Director: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CRTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFINAS—RUA DO SÉCULO, 48—LISBOA

DE SENTINELA

ÀS BATOTAS



— Rei é porta
— O' da guarda!

PALESTRA AMENA

Reatando relações

Nunca o dissemos, porque somos reservadíssimos de nosso natural; os senhores vêem-nos risonhos, expansivos e faladores... e nem por sombras julgam que tudo isso são aparências, que o sorriso oculta muitas vezes tristezas, que a expansão é uma fôrma de retraimento, que as muitas palavras que dizemos servem para calar as muitas outras que não dizemos.

Pois é verdade: temos estado silenciosos até agora, mas a verdade é que chorávamos para dentro e estávamos rebentando por dizer:

— Isto assim não pode continuar!

E não podia. Esta desgraça de estarmos de relações cortadas com a Roma papal, de estarmos sem nuncio ha uns poucos de anos, trazia-nos raladíssimos. Muitas vezes nos surpreendemos de olhar vago no espaço, preocupados sem sabermos porque; razão clara não havia para tal alheamento: faltavam-nos, sim, o pão e mais alimentos essenciaes á vida, mas já nos havíamos conformado, de modo que tal attitude era inexplicavel.

— Que nos faltará? perguntávamos aos nossos botões.

E, de subito, fazia-se a luz. Faltavamos o nuncio! Faltava-nos alguém chegado ao papa, um elo entre nós e sua santidade, alguém que cheirasse á beatitude do Vaticano, que fôsse das relações de Deus Nosso Senhor.

E como nós, muitas outras pessoas sentiam a mesma falta, uns conhecendo a origem da preocupação e outros não a conhecendo.

Porque a verdade é que temos andado divorciados do céu, é que ele nos abandonou, nos deixou entregues aos instintos miseraveis que são condição da humanidade, sem o clarão benéfico da centelha divina a apontar-nos o bom caminho, a limpar-nos o cerebro das más tentações.

Sim; logo que o nuncio se retirou, isto começou a andar á matraca. Ele era o guarda fiel da nossa casa, para nós derivava o seu odor celestial, ele nos garantia a paz do espirito; se o demonio tentava forçar a porta, o nuncio traçava no ar a cruz sacrosanta e o espirito das trevas fugia a sete pés, sem se atrever a olhar para traz.

Mas um dia o nuncio foi-se, desconsolado por não lhe darmos importancia de maior, por dispensarmos os seus serviços; e desde esse infeliz momento eis que os homens que tinham tentado erguer a torre de Babel, começaram a falar em idiomas diferentes, a não se entenderem uns aos outros, a jogar aos disparates—quando um pedia cal o outro dava pedra, quando este pedia cimento aquele dava telha, como observou um revisteiro celebre— e se a torre ainda não caiu é porque os alicerces foram valentemente construidos, sobre os destroços de outra que se tinha desmoronado sem remedio, de cantaria a esboroar-se, de madeira pôdre e de ferragem a desfazer-se.

E será verdadeira a noticia de que o nuncio regressa? E virá com alma de perdoar? e não virá, em vez de agua benta e palavras misericordiosas, lançar sobre nós os raios do anatema, as ameaças do inferno?

Venha como vier, recebe-lo-hemos contritos e com promessas de não tornar a pecar. Com o tempo os idiomas diferentes hão de amalgamar-se n'um unico e os homens entender-se-hão de novo; é como a lição foi dura, a torre continuar-se-ha sem desavenças, a previdencia será uma das qualidades humanas mais cuidadosamente cultivadas, havendo paz entre os homens, como se faz muito mister.

Amen.

J. Neutral.

Bilhetes de "gare"

A Companhia dos Caminhos de Ferro aumentou ou vai aumentar o preço dos bilhetes de "gare" que eram baratissimos até agora: cinco centavos, com a regalia de uma pessoa poder estar de pé, entre a fumaçeira da plataforma, a apanhar os encontrões dos carregadores e não podendo entrar n'uma carruagem nem por um segundo.

Tudo isso, é claro, valia muito mais



de meio tostão, mas a Companhia não observa a despezas para bem servir o publico.

Vem, porém, a guerra e não tem ella outro remedio senão levar, pelo bilhete, um preço que pelo menos lhe pague as despezas do cartão, do corte, da impressão, do carimbo que serve ao bilhete, do sustento do empregado que o carimba e vende, da renda da casa do mesmo empregado, etc., etc.

Só não vê a justiça do aumento quem fôr cego.

Amadora «super omnia»

Fomos um dia d'estes de passeio á Amadora, a espalhar tristezas e matar a fome, porque quando isto em Lisboa está fosforico procuramos aquele refugio e logo cessam todas as apreensões que nos apouquentavam dentro de portas.

Ao sair da estação tropeçámos com um montão de objectos; olhámos—eram pães de quilo, de meio quilo, de todos os pesos, de trigo, milho, centeio, que

se encontravam aos pontapés pelas ruas!

—Então ha pão aqui? perguntámos a um amadorese que passava, de palito na boca e arrotando de farto.

—Se ha pão! Aqui não falta nada!

—E carvão?

O amadorese sorriu e apontou pa-



ra o lado da rua. Toneladas e toneladas de carvão erguiam-se, a perder de vista, ininterruptamente.

—E batatas?

Como que a responder á nossa pergunta, abriu-se uma janela de um *challet* e uma criada começou a despejar sacas sobre sacas de batatas para o lado do quintal,

—Que é aquilo?

O amadorese respondeu:

—São batatas. Em todas as casas ha tantas batatas que se atiram aos porcos.

—E' boa! E açucar?

—Abaixe-se e prove, disse o homem.

—Provar o quê?

—O pó da estrada.

Obedecemos. Abaixámo-nos, colhemos uma mancheia de pó e provámos. Era dulcissimo.

—E' açucar, disse-nos. Temos tanto que o usamos em vez de areia, para fazer o macdam.

Tivémos, desgraçadamente, de voltar para Lisboa; mas no proximo domingo lá voltamos, á Amadora, onde comeremos para o resto da semana.

Corridas, tentas, etc.

Se ha alguém mais danado para chamar publico do que o Segurado dos toiros, damos-lhe um dôce, apesar de os não haver nas confeitarias. Não se contenta em dar-nos corridas de toiros; dá-nos ferras, dá-nos tentas, dá-nos tudo que cheire a boi e a vaca.

Sempre novidades taurinas, é o pro-



grama do Segurado. Para os proximos domingos estão já destinados os seguintes espetaculos:

1.º—Touros e vacas namorando-se.

2.º—Os mesmos casando.

3.º—Vacas dando á luz.

4.º—Castração dos touros.

6.º—Pachorrentos bois lavrando.

Bem empregado dinheiro que se dá á tão inventivo cidadão!

A quantos de maio

Final de contas ninguem apanha o premio que oferecemos a quem nos explicasse a origem da pergunta «A quantos de maio deu á luz Portalegre».

Recebemos 341 respostas, não as que desejavamos, mas á pergunta—respostas que toda a gente sabe; mas a respeito da origem da frase, nada.

Compreendemos que as preocupações do momento actual prejudiquem a natural lucidez dos nossos leitores e por isso não insistimos. Depois da guerra falaremos.

A exportação franceza

Hão-de ter naturalmente reparado no silencio do nosso colaborador Jerolmo, de Pêras Ruivas, e hão-de sentir-se penalizados, attribuindo a doença o reatramento do illustre cidadão.

Alegrem-se; o Jerolmo está, felizmente, bem de saúde, mas aconteceu-lhe uma infelicidade. Assistiu ás recitas da companhia franceza que esteve ultimamente no teatro Republica e uma noite, ao dirigir-se á nossa redacção para escrever a carta habitual á esposa, dando-lhe conta das impressões colhidas, encontrou no Chiado a atriz Diéterle, que recolhia ao hotel.

Ora o Jerolmo é homem de mau genio, como se sabe. Sem se poder con-



ter, tal era a indignação que o dominava, agarrou a atriz franceza por um braço e deu-lhe dois açoites puxadíssimos, ao mesmo tempo que exclamava:

—Toma, para não vires para cá intrujar a gente!

A mulhersinha gritou, veiu a policia e o Jerolmo esteve uns dias preso. Soltaram-o, mas está ainda tão impressionado com a desagradavel occorrença que por estas semanas mais proximas não poderá escrever.

Quanto á sova, perderam-se as que caíram no chão.

Saber linguas

Pois que temos de dar um ponto na lingua, não ha outro remedio senão contar historias ingenuas...

Então lá vai uma.

Um amigo nosso foi á conferencia internacional de Roma, realisada ultimamente e não querendo hospedar-se em hotel, porque em Roma como aqui

EM FOCO



Dr. Amilcar de Sousa

Tenho á vista o retrato do sujeito que eu julgava magrissimo e chupado. Rugosa a pele de marmelo assado. O rosto de pevide, curto e estreito.

Sae-me, afinal, gordissimo, perfeito. Salvo seja, com lustro de cevado; Tenho seguido, pois, caminho errado, A' carne e não á fruta ha muito afeito.

Conquistou-me o doutor n'este momento, Mas como está mais cara do que os ossos A polpinha do pomo suculento,

Irei desde hoje á caça de destroços Apregoando ao lado d'um jumento: —O' freguez! lva as cascas e os caroços!

BELMIRO.

custam os olhos da cara, resolveu-se por um quarto modesto, para o que procurou os anuncios dos jornaes.

E leu:

«Recebem-se hospedes em casa particular. Rua Amadeu, n.º 7, 1 piano...»

—Nada, disse ele; com piano não quero.

Leu segundo anuncio.

«Pensão modica, rua Larga, n.º 16, 1 piano...»

—Tambem tem piano. Não me apanham lá.

Terceiro, quarto, quinto anuncios e sempre com pianos; havia casa que finha cinco pianos!

Não teve remedio senão resolver-se por um hotel, onde mais tarde contou o caso ao Melo Barreto, indignado por aquela abundancia de instrumentos musicos em Roma. E quando soube, por esse amigo, que piano queria dizer andar, já tinha gasto no hotel para cima de mil liras!

Critica

Revela o nosso Paulo Osorio, em correspondencia para o nosso mano mais novo—o *Seculo*, edição da noite—que a critica teatral parisiense elogiou muito os trajos dos artistas que entraram na peça *Mercador de Veneza*, no teatro Antoine, como sendo de grande exatidão.

Vai d'aí o sr. Ibels, autor dos figurinos e alfaiate, declarou que os trajes são todos de fantasia e não tem a menor exatidão.

Ora aqui está uma coisa que nunca se dará em Portugal: primeiro porque a critica portugueza é de uma erudição inexcédível, depois porque o nosso Castelo Branco, professor de Indumentaria, é um alho em historia e até em pre-historia. Ainda ha pouco ele nos descreveu o fato com que tencionava vestir o Adão, n'uma revista que está para subir á cena e em que o pai da humanidade aparece no paraíso, antes do pecado original: fato de cheviote, côrte simples, sem o menor vestigio de modernismo.

E' bem achado.

Sacrificio

Os confeiteiros francezes já resolveram a questão da falta de farinha de trigo: fazem doces com batatas e pó de arroz.

O sistema, quanto ás batatas, não serve para nós, porque foi um ar que lhes deu; mas quanto ao pó de arroz parece que vai ser seguido, porque muitas damas estão dispostas a sacrificar a alvura da tez á guloseima dos pastelinhos.

Agora é que se vai vêr que as portuguezas são morenas.

Confusão kadaverica

Final de contas não é verdade que os alemães aproveitem os cadaveres dos seus soldados para fabricar manteiga de vaca, banha de porco, tinteiros de chifre, espartilhos de barba de baleia, sebo de carneiro, etc.

Revela-nos um jornal, mestre na lingua alemã, que o que deu causa á confusão foi a palavra Kadaver significar em alemão os restos mortaes de qualquer bicho e não só do homem.

Ainda bem que estão reabilitados os boches, mas hão-de concordar que a confusão é legitima: tratando-se daqueles amigos sabe-se lá nunca se as palavras se referem a entes humanos ou a feras!

Graça alheia!

Nos tribunais inglezes as testemunhas prestam juramento beijando a biblia.

Uma vez, num tribunal de provincia, o meirinho avisou o juiz de que o cão deste tinha... comido a biblia! Estava presente uma testemunha, que tinha de prestar juramento. Não havia outra biblia á mão...

—E' pena disse o advogado, mas eu não posso prescindir da testemunha.

—Está bem, disse o juiz.

Voltando-se para o meirinho:

—O cão comeu a biblia toda? não deixou nem um bocadinho?

—Nem um bocadinho, sr. juiz.

—Nesse caso a senhora testemunha que beixe o cão e está o negocio concluido.



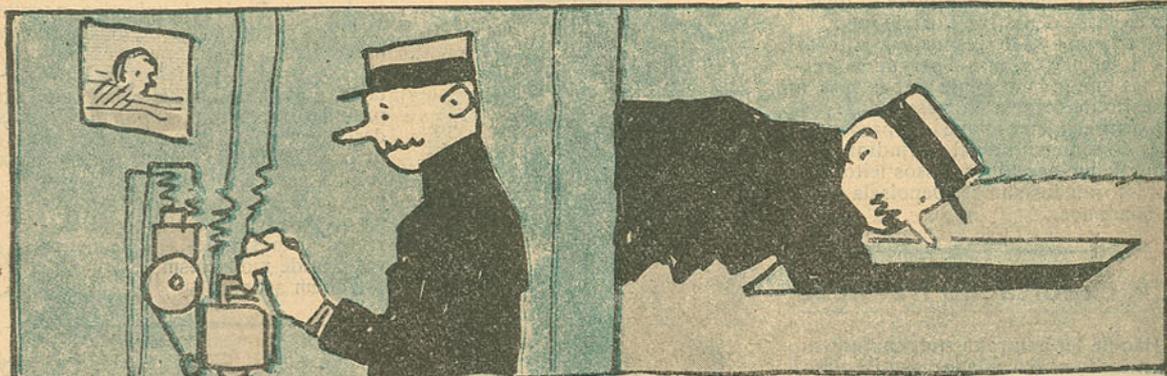
MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

3.ª PARTE

2.º EPISODIO

O FASCINADOR DE SERPENTES

(CONTINUAÇÃO)

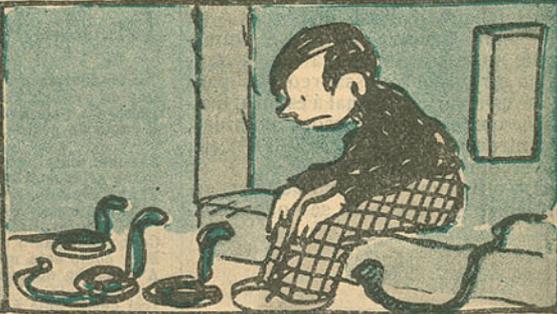


1.—Entretanto, o terrível *Nariz de Folha* põe em funcionamento o seu maravilhoso aparelho de tornar presentes os ausentes, e logo vê que o Quim vai a nado, no cano.

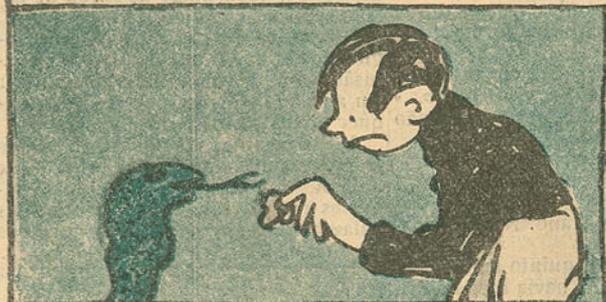
2.—Abre um alçapão, que fica por cima do cano, espera que o Quim passe e puxa por ele, como quem apanha uma truta.



3.—Reune o Conselho Supremo da quadrilha e o Quim é condenado a passar o resto da existência no horrível calabouço das serpentes.



4.—Elas ali estão com o pobre rapaz, mas este faz-lhes um discurso tão comovedor que os nojentos animais o escutam atentamente.



5.—Como na algibeira tivesse algumas migalhas de pão, restos de feliz tempo em que o havia, as serpentes familiarisam-se



6.—e consentem que o Quim as ate umas ás outras, formando uma corda, por assim dizer, serpentina,



7.—pela qual se escapa com a maior facilidade, conquistando a liberdade, devida à condescendência das bichas, mais gratas que muitos homens.

(Continua).